

## EDITORIAL

Marcos Roberto Vieira Garcia\*

\* Doutor em Psicologia Social (USP), Professor do Depto de Ciências Humanas e Educação (UFSCar). Sorocaba, SP - Brasil. E-mail: marcosvieiragarcia@gmail.com

A Revista de Estudos Universitários tem o prazer de apresentar o Dossiê “Sexualidades”, que aborda um tema envolvido em polêmicas de diversas ordens, não somente pelo fato da academia não ser alheia aos estereótipos e preconceitos vigentes no senso comum acerca da sexualidade, como também pelo fato de diferentes tradições de pesquisa a terem abordado a partir de referenciais muitas vezes antagônicos.

O Dossiê reflete múltiplas visões concernentes ao tema central, mas que tem ao menos um forte elemento em comum: a visão de que a sexualidade é um fenômeno profundamente atravessado por circunstâncias sociais e históricas, o que impossibilita a sua abordagem como algo monolítico, comum em pesquisas vinculadas a uma concepção biomédica. Por isso, a sexualidade é referida nos diversos artigos como plural, o que justifica o tema ser concebido nessa perspectiva que contempla a diversidade: “Sexualidades”.

O primeiro artigo, de Noemi Lenkiewicz, busca mostrar, a partir das narrativas de jovens homossexuais participantes em uma pesquisa no México, que “sexo” é uma categoria política que ordena e fundamenta uma sociedade calcada na heterossexualidade e que domina inclusive o discurso dos jovens pesquisados, ainda que existam transgressões acerca disso.

Na sequência, Priscila Detoni e Henrique Nardi analisam a partir de uma etnografia as masculinidades predominantes entre barrageiros - trabalhadores envolvidos em uma construção de uma hidrelétrica - alojados em Santa Catarina. A conclusão aponta para o conflito antes mencionado entre sexualidades diversas: no presente caso entre uma masculinidade marcada pela virilidade associada ao relacionamento com profissionais do sexo e outra marcada pelo lugar de provedor frente à família de origem, o que leva à necessidade de se economizar para o envio de recursos a essa.

Os discursos generificados no campo da cultura são o objeto de investigação de Marlécio Macnamara e Marlucy Paraíso, no caso específico, das letras das músicas do forro

eletrônico. Os autores mostram, a partir de uma análise instigante, o quanto o “coração” é um elemento central nesses discursos e é por eles generificado, mostrando o coração feminino como algo a ser a ser dominado e o masculino a ser curado, refletindo hierarquias de gênero.

Amanda Lino busca promover uma reflexão acerca das dimensões sexo e gênero no cotidiano de mulheres trabalhadoras sem terra vinculadas ao MST. Observa que as questões de gênero, ainda que debatidas de forma crescente, ainda estão subsumidas às de classe no interior do movimento, o que mostra a importância de uma mobilização frente a estes temas pelos coletivos de assentados.

As considerações realizadas por Foucault acerca do desenvolvimento do dispositivo da sexualidade são o pano de fundo para o artigo de Cinthia Falchi acerca da (não)presença dos domínios do erótico na educação, que aponta para a necessidade de resistência por parte de professores e alunos a esse dispositivo pela recuperação da dimensão erótica.

O movimento LGBT é o campo de reflexão no texto de Fábio Ortolano, fruto de uma pesquisa com participantes das Paradas LGBT de duas cidades e que busca relacionar essa participação com o campo da Psicologia Política, mostrando as possibilidades de resistência frente aos ideais coletivos no movimento. Também explorando o campo da normatividade dentro das homossexualidades, o artigo de Renata Pamplona e Nilson Dinis mostra o quanto um vídeo realizado com o intuito de se reduzir a homofobia no contexto escolar acaba por reificar modelos hegemônicos de homossexualidades e por negar outras possibilidades.

O tema da medicalização da sexualidade é objeto de estudo de Patrícia Antoneli, que mostra o quanto o referencial psiquiátrico contribui para a normalização de certas sexualidades como “corretas”, ao estigmatizar outras como consequências de “distúrbios”, algo que seria, portanto, da esfera da anormalidade.

Ricardo Mélo, Anacely Costa e Juliana Sampaio mostram o quanto as políticas públicas de combate à homofobia ainda pecam ao enfocarem as especificidades de alguns grupos mais do que de outros. Na análise do Programa “Brasil sem Homofobia”, observam o quanto as travestis tem ainda pouca visibilidade e atenção nos documentos oficiais, o que evidencia que mesmo nestes espaços permanecem em um lugar secundário.

A retomada da genealogia nietzchiana por parte de Foucault é o objeto do artigo de Sandro Sayão, que busca refletir sobre as considerações de Nietzsche sobre os domínios do

dionisíaco e relacioná-las com as temáticas do poder, prazer e a discursividade acerca do sexo em Foucault.

Finalmente, o artigo de Éder Proença sobre as narrativas ficcionais no cotidiano escolar acerca das sexualidades evidencia o quanto este é um campo em que predomina a mesmice pedagógica, com raros momentos de resistência que irrompem a partir da ousadia de agentes escolares que buscam “fazer diferente”.

No conjunto, os artigos que compõem esse dossiê mostram uma miríade de perspectivas advindas de diversas ciências humanas e sociais, que acabam por apresentar uma visão caleidoscópica das sexualidades, o que está em consonância com uma visão que se recusa a enxergar a sexualidade como singular e portadora de uma verdade em sua essência.

O compromisso com o “desmonte” de uma visão simplista que enxerga todo e qualquer movimento de questionamento da moral tradicional como tendo apenas um viés libertário é também algo patente nos textos. A evidência de que a luta contra a homofobia não está isenta de normatizar estilos de homossexualidades como mais aceitáveis do que outros, ou de que a emancipação de mulheres de um lugar de submissão econômica frente aos homens não garante uma igualdade sexual a estas, mostram o quanto é necessária atenção aos meandros dos movimentos de poder e resistência no campo das sexualidades.

O leitor certamente terá elementos para um pensar mais crítico após a leitura dos textos que constam desse Dossiê. São capítulos que não compactuam com uma visão simplista de sexualidade, como vimos anteriormente, mas que também não se limitam simplesmente a descrevê-las, como meras possibilidades de existência. O tom de denuncia é claro em todos: trata-se não somente de falar sobre elas, mas de defendê-las de toda e qualquer tentativa de negação, silenciamento ou submissão a outras formas mais “aceitáveis”. Sexualidades, que se tornam, assim, expressões de um direito humano, a ser defendido radicalmente.